



*Agenda 150 Anos de Memória  
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao  
Juiz Francisco Alberto Marciano da  
Fonseca*

*25/08/2016*

# ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Newton de Oliveira Neves (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Dr. Pedro Rebello Bortolini (genro do homenageado)

DISCURSO - Des. Gilberto Pinto dos Santos

ENCERRAMENTO - Des. Ademir de Carvalho Benedito (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o juiz substituto em 2º Grau Francisco Alberto Marciano da Fonseca, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

O Salão do Júri do Palácio da Justiça foi palco da homenagem ao juiz, em evento da **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça de São Paulo**, Francisco Alberto Marciano da Fonseca nasceu em 25 de fevereiro de 1951, na cidade de Rio Claro (SP). Bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1974 e ingressou na Magistratura no ano de 1979, passando pelas comarcas de Urupês, Araras, Piracicaba e Capital, onde foi titular da 8ª Vara Cível do Foro Regional de Santana.

Removeu-se para o cargo de Juiz Substituto em 2º grau no ano de 2000, integrando os quadros do extinto Primeiro Tribunal de Alçada Civil e depois, pela unificação, do Tribunal de Justiça. “No ano de 2006, na condição de juiz substituto em segundo grau, veio a falecer, encerrando assim, precocemente, e como era próprio dele dizer, contra sua vontade, brilhante carreira jurídica”, contou o orador.

O desembargador **Newton de Oliveira Neves** discursou em nome da Corte:

Por iniciativa dos colegas, Desembargadores REINALDO CINTRA TORRES DE CARVALHO, HAMID CHARAF BDINE JÚNIOR E MILTON PAULO DE CARVALHO FILHO, prontamente abraçada pelos doutos integrantes da Comissão de Honraria e Mérito, o nosso Egrégio Tribunal de Justiça presta hoje uma singela, mas significativa, homenagem ao magistrado FRANCISCO ALBERTO MARCIANO DA FONSECA, sendo a mim deferida a honraria de falar em nome de todos, certamente escolhido pelos pares nomeados pela minha conhecida dificuldade de falar em público, o que conta a favor da brevidade desta intervenção.

Como consta nos registros deste Tribunal, o JUIZ FRANCISCO ALBERTO MARCIANO DA FONSECA ingressou na magistratura no ano de 1979, passando pelas comarcas de Urupês, Araras, Piracicaba e já nesta Capital foi titular da 8ª Vara Cível do Foro Regional de Santana.

Removeu-se para o cargo de Juiz Substituto em 2º Grau no ano de 2000, integrando os quadros do extinto Primeiro Tribunal de Alçada Civil e depois, pela unificação, do Tribunal de Justiça.

No ano de 2006, na condição de Juiz Substituto em Segundo Grau, veio a falecer, encerrando assim precocemente, e como era próprio dele dizer, contra sua vontade, brilhante carreira jurídica.

Deixou entre nós as filhas PAULA e LÍVIA, e a esposa CARMEN, a quem, vez mais, agradeço pela presença e pelo convívio.

Em ocasiões tais é comum, e praxe, relembrarmos a carreira do homenageado e os seus feitos junto a Magistratura e, via de consequência, à sociedade.

E o nosso Tribunal, pelo programa “Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante”, tem, sempre, acertado e prestado justas homenagens ao relembrar os grandes nomes que por aqui passaram e seus feitos.

Bem por isso, senhor Presidente, não podíamos deixar de relembrar, e prestar a devida homenagem, ao Juiz Francisco Alberto Marciano da Fonseca.

Mas, ao contrário dos grandes oradores que ocuparam essa tribuna em outras ocasiões, não pretendo aqui, e até escudado pela minha deficiência no uso das palavras, e para isso peço vênias aos colegas, destacar ou elencar os feitos ou a atuação do magistrado.

Não que o magistrado não mereça ser homenageado. É que as qualidades e virtudes, convicções e idealismo desse grande magistrado são visíveis em suas decisões, nas suas falas e orações, tudo devidamente registrado nas várias comarcas por onde passou e também nos anais deste Tribunal, ao qual ele se dedicou com a mais pura sinceridade e vocação desde o ano de 1979, quando ingressou na magistratura.

Considero mais de justiça destacar o lado humano do Juiz Marciano de Fonseca, o Betão, assim conhecido por todos seus amigos, o que faço agora numa releitura do que foi dito já há 10 anos passados, no calor das emoções de seu passamento, assim o fazendo não por comodidade, mas sim porque melhores palavras não encontrei para serem ditas.



Embora seja impossível separar o cidadão do magistrado, quero registrar com especial carinho a figura humana do amigo e companheiro que a todos sempre tinha uma palavra de conforto, compreensão, orientação ou apenas tempo para ser ouvinte. Mais do que falar, sabia ele ouvir. Dava a atenção devida a todos que o procuravam, não importava se apenas para breve conversa, para uma piada, um desabafo, um problema ou uma orientação. Não distinguia ele, nessa dedicação, a condição da pessoa que o procurava, se um amigo, um colega, um funcionário, um advogado ou mesmo as partes envolvidas numa demanda. Cultivava ele a sabedoria natural daqueles que sabem ouvir e falar na hora certa, a palavra certa. Plantava palavras e colhia amigos. E bem por isso mais do que o magistrado, a todos vem a lembrança do amigo.

Bem por isso também, Senhor Presidente, foi ele um grande magistrado.

O juiz, – e assim é sabido por todos – ao longo da sua carreira passa pelas comarcas e na vida de várias pessoas e disso às vezes não nos damos conta. Certamente por isso, e talvez até num ato de instintiva defesa, diz-se pelas comarcas afora que “o juiz passa, ficam os funcionários, os advogados e a partes”. Mas, com relação ao Beto Marciano essa afirmação não teve pertinência alguma, pois por onde ele passou deixou amigos e exemplos de uma magistratura que se preocupava mais com a Justiça nas decisões do que aplicação pura e simples do direito.

Sua preocupação com os funcionários sempre foi traço marcante em sua vida. Tinha ele a grandeza suficiente para reconhecer que, sem o auxílio, a colaboração e a compreensão dos funcionários, sua função nada seria, não atingiria sua finalidade. E essa visão sempre procurou ele transmitir aos juizes mais novos de maneira simples e gentil, sem impor ou fazer prevalecer sua condição de magistrado mais antigo, mas sempre pelo convencimento e compreensão. Seu engajamento era tamanho a ponto de, publicamente, já quando acometido pela doença que o levaria, pedir desculpas aos pares por estar, segundo ele, atrapalhando o bom andamento dos serviços forenses. De forma resignada enfrentou a doença, mas não sua interferência no normal andamento dos processos.

Hoje tenho a convicção que prestamos justa homenagem a um grande Magistrado. Não teve tempo, o magistrado Francisco Alberto Marciano da Fonseca de receber o “Colar do Mérito Judiciário” o que ocorreria quando de sua promoção ao cargo de Desembargador, sua aspiração e sonho de carreira.

Mas sabemos todos nós que um verdadeiro magistrado não se forma tão só pelo decorrer do tempo ou na subida de todos os degraus de uma carreira. Forma-se pela sua atuação, pela sua dedicação, pela Justiça buscada nas decisões lançadas e nos exemplos plantados.

E essa singela homenagem, caros colegas e familiares do nosso querido Betão, serve exatamente para lembrarmos, ou não nos esquecermos, de que nessa atuação o homenageado foi sim, sem dúvida alguma, um Magistrado na melhor acepção da palavra, independente do tempo que permaneceu ou de quantos degraus galgou nesse nosso Tribunal de Justiça.

E assim posso dizer não pela amizade que sempre existiu entre nós, desde os tempos de convívio da nossa Piracicaba. Tenho absoluta certeza e convicção que assim também é dito por todos aqueles que tiveram convívio com ele, independente do tempo ou local. E aqui neste Plenário estão vários desses colegas, amigos e advogados que se veem representados nesta fala e que fazem coro a esta justa homenagem.

E assim afirmo Senhor Vice-Presidente – e tenham todos os senhores plena certeza disso – porque em cada voto ou decisão nossa, haverá sempre um pouco da sabedoria, da prudência e do ideal buscado pelo Juiz Marciano da Fonseca, o amigo Betão. Nessa jornada comum aprendemos com ele a busca de um ideal de justiça. E a melhor homenagem que podemos a ele prestar é não esmorecer no caminho e continuar com esse sonho de um ideal.

Não pretendo mais me estender. Para encerrar, vou buscar, mais uma vez, inspiração nas palavras do amigo Betão quando, em sua última participação em sessão deste Tribunal, estando eu ao seu lado, deixou consignado ser um homem feliz por ter amigos. Creio que todos, sem dúvida alguma, podemos afirmar que privilegiado e felizes foram aqueles que, como nós, tiveram o magistrado Francisco Alberto Marciano da Fonseca, o “Betão”, como amigo.

Obrigado a todos pela atenção.

Em nome da família falou o juiz **Pedro Rebello Bortolini**, genro do homenageado, que agradeceu o carinho e a presença de todos:

Excelentíssimo Senhor Desembargador Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo, Doutor Paulo Dimas de Bellis Mascaretti,



Excelentíssimo Senhor Desembargador Vice-Presidente do Egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo, Doutor Ademir de Carvalho Benedito,

Excelentíssimo Senhor Doutor Desembargador Newton de Oliveira Neves,

Demais autoridades presentes,

Distintos convidados,

Boa tarde a todos.

Falarei em nome da família do Dr. Francisco Alberto Marciano da Fonseca, nosso querido “Beto”, nesta bela homenagem em sua memória.

Inicialmente, externo o profundo agradecimento da família por esse ato de generosidade do excelentíssimo senhor presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, Desembargador Paulo Dimas de Bellis Mascaretti, agradecendo ainda, na pessoa do excelentíssimo senhor Desembargador Newton de Oliveira Neves, a todos os diletos amigos que tornaram esta solenidade possível.

Agradeço, finalmente, a todos os presentes, colegas de profissão, amigos da família e funcionários, que dispensaram seu precioso tempo, vários se descolando de outras cidades, para compartilhar este momento especial, de lembrar de quem se foi, mas que não devia ter ido... não tão cedo.

Lembrar daquele que era bom pai, bom filho, bom marido, bom amigo, bom colega, bom juiz e um ser humano excelente, generoso, sincero, alegre, competente e dedicado. Lembrar desses predicados que o fizeram tão querido por todos que com ele conviveram, nas mais diversas circunstâncias.

Não que fosse necessária uma ocasião especial para lembrar-se do amigo “Beto”. Família, amigos e colegas fazem-no com frequência, sendo quase inacreditável que sua passagem ao plano superior já conta mais de dez anos.

Outro dia mesmo, rememorando algum de seus “causos”, perguntei à minha esposa Paula, sua filha, se pensava muito no pai. A terna resposta foi rápida e sem vacilo: todos os dias!

Também pudera. A admiração e carinho que despertava só são comparáveis à sua franqueza e retidão. Não há quem tenha convivido com o nosso querido “Beto” que não guarde na memória algum pensamento alegre a seu respeito, quando não um punhado deles.

“Gostava muito do Dr. Marciano!”, foi frase que me acostumei a escutar de promotores, advogados e funcionários, quando descobriam que eu era seu genro, notadamente quando passei a trabalhar no fórum de Piracicaba, um dos lugares onde ele foi mais feliz.

Dos colegas, então, ganhei um repositório de boas passagens, das cômicas às inspiradoras, que invariavelmente traduziam sua enorme empatia, essa capacidade de se colocar no lugar do outro, de compreender e aceitar, sempre procurando o equilíbrio, a solução pacífica, eficiente e justa.

Nosso querido “Beto” reunia a invejável capacidade de dedicar-se ao trabalho, à família e aos amigos com igual zelo e dedicação. Trabalhava muito, mas o fazia com enorme prazer, de modo que não sentia o peso das décadas cedidas à judicatura. Era dessas pessoas verdadeiramente realizadas com a magistratura, que se entusiasma com a discussão do direito e da prova e não se detêm enquanto não encontram a decisão conforme a lei e a justiça.

O amor pelo Direito veio de família. Nascido em Rio Claro em 25 de fevereiro de 1951, filho do Dr. Francisco Pinto da Fonseca e da d. Maria Eugênia Marciano da Fonseca, herdou de seu pai, advogado, o gosto pelas letras jurídicas e as coleções dos mestres Carvalho Santos e Carvalho de Mendonça, que lhe foram úteis durante toda a carreira e que hoje guardo com especial distinção e cuidado.

Formou-se em Direito pelas Arcadas no ano de 1974 e sempre se recordava com muita alegria do tempo de estudante. Advogou alguns anos em Rio Claro, junto do pai, vindo a casar-se com d. Carmem Luiza Peña Gonzalez em 26 de novembro de 1977, união da qual advieram suas duas meninas, Paula e Lívia.

Após árduo exame, foi aprovado no 145º Concurso de Ingresso na Magistratura do Estado de São Paulo,



tomando posse, em 13 de novembro de 1979, no cargo de Juiz Substituto da comarca de Piracicaba.

Contava como se fosse ontem sobre como havia sido sua arguição, das perguntas que lhe fizeram, da dúvida sobre a resposta esperada pelo examinador e da expectativa do resultado. Confesso que não entendia, à época, como alguém podia se lembrar das nuances de uma prova que prestara fazia algumas décadas.

Ainda na faculdade, e engajado com entusiasmo num estágio num escritório de advocacia, jamais imaginava que eu mesmo passaria pela mesma situação, podendo somente agora compreender que o concurso de ingresso na magistratura é mais de que uma mera prova, é um inesquecível ritual de passagem para o exercício de uma atividade comparável ao sacerdócio, que concede realização pessoal na mesma medida em que exige abdicação e sacrifício. Certamente, muito me valeria sua experiência na profissão que nos uniu.

Profissão que dignificou em todos os lugares por onde passou: tornou-se juiz de direito na longínqua Urupês, promovendo-se a juiz de 2ª entrância na comarca Araras, onde fez grandes amizades, notadamente com o colega magistrado Roque Dalvia Neto. Depois, promoveu-se à 3ª entrância na comarca de Piracicaba, onde, à frente da 1ª Vara Cível, passou a maior parte da carreira e de onde levou grandes amizades, podendo-se citar, entre tantos, os Desembargadores Newton de Oliveira Neves, Osmar Testa Marchi, Octávio Helene, Evaldo Veríssimo, depois somados aos “meninos mais novos”, carinhosamente apelidados de “menudos”: os Desembargadores Milton Paulo de Carvalho Filho e Reinaldo Cintra Torres de Carvalho e o juiz Hamid Charaf Bdine Júnior. Ainda vieram tantos mais, como os juízes Mauro Antonini, Marcos Pimentel Tamassia e Wander Pereira Rosseti Júnior.

Já com as filhas crescidas, promoveu-se à entrância especial, vindo a trabalhar no Fórum Regional de Santana, onde também conviveu com outros tantos queridos colegas, como os Desembargadores Gilberto Pinto dos Santos, Cláudio Antonio Soares Levada e os juízes Carlos Barros Nogueira e Maristéla Tavares de Oliveira Farias.

Em 08 de agosto de 2000, foi alçado ao cargo de juiz substituto em 2º grau do saudoso egrégio 1º Tribunal de Alçada Civil, posteriormente transformado no cargo de juiz substituto em 2º grau do egrégio Tribunal de Justiça de São Paulo. Foi onde conviveu com os seus derradeiros colegas de profissão, notadamente o Ministro Massami Uyeda e os Desembargadores Ademir de Carvalho Benedito, Newton de Oliveira Neves, Oscarlino Moeller, Cândido Alem, Benedicto Jorge Farah, Windor dos Santos, Jovino de Sillos e Coutinho Arruda, entre outros a quem tinha muito apreço.

Deve-se registrar ainda o apoio que sempre teve – e pelo qual era muito grato – dos funcionários do Tribunal de Justiça de São Paulo, citando-se, em nome de todos, os escreventes Epifânio Gava, Cida Alvarez e Daniela Fávero Dorsa.

Convivi poucos anos com o meu sogro, ainda no começo de meu namoro com a sua filha Paula. Boa parte deles, infelizmente, marcada pela ingrata doença que o levou, mas que soube enfrentar com dignidade, esperança e, por fim, discreta conformação, sem jamais privar-se dos valores que praticou durante toda a vida. Muito aprendi com meu sogro nesses últimos anos, mas devo admitir que o acabei conhecendo melhor pelos olhos dos outros, pelas tantas histórias memoráveis que me foram e ainda são contadas pelos seus vários admiradores.

A saudade de toda sua família é perene. Sua esposa, filhas, irmão, sogra, genros, cunhados e sobrinhos ressentem-se da sua falta, especulando a enorme festa que faria com os seus netinhos, Luísa e Antônio, e aqueles que ainda estão por vir. É justamente em relação a eles que reside a minha maior responsabilidade, na verdade, um compromisso moral de contar-lhes sobre o festejado avô e sobretudo transmitir-lhes os valores e a contagiante alegria com que sempre viveu. Se Deus me permitir alguma pretensão, que seja a de ver, nos olhos dos meus filhos, a mesma admiração que ele reflete, até hoje, nos cristalinos das suas amadas meninas.

Muito obrigado a todos.



Em seguida o desembargador Gilberto Pinto dos Santos fez questão de também prestar sua homenagem ao colega rememorado. “Espero nunca ter que ser julgado. Mas se for, quero ser julgado por um juiz exatamente igual a Marciano da Fonseca.”

O vice-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador **Ademir de Carvalho Benedito**, trouxe o abraço do presidente da Corte, desembargador Paulo Dimas de Bellis Mascaretti. Ele iniciou seu pronunciamento lendo carta encaminhada pelo desembargador Dimas Borelli Thomaz Júnior, amigo de juventude de Marciano da Fonseca, à família do homenageado. A missiva emocionou o público. Para encerrar, Ademir afirmou: “Antes de tudo era um ser humano extraordinário. Sua presença continua entre nós para nos guiar”.

Também prestigiaram a solenidade o presidente da Seção de Direito Criminal do TJSP, desembargador Renato de Salles Abreu Filho; o vice-presidente do Conselho da Associação Paulista dos Magistrados, desembargador Renzo Leonardi, representando o presidente; o juiz diretor do Foro Distrital de Cajamar, Filipe Antonio Marchi Levada; o defensor público coordenador do Núcleo Especializado de Segunda Instância e Tribunais Superiores, João Henrique Imperia Martini, representando o defensor público-geral do Estado de São Paulo; o integrante da Associação dos Registradores Imobiliários de São Paulo, João Baptista Nalini, representando o presidente; a viúva do homenageado, Carmem Luiza Gonzalez da Fonseca, as filhas Paula Gonzalez da Fonseca Bortolini e Lívia Gonzalez da Fonseca Butkiewicz; o genro Ricardo; e os netos Luísa e Antônio; além dos demais desembargadores, juízes, integrantes da Defensoria Pública e do Ministério Público, familiares, amigos e servidores do Tribunal.

